



Dia Internacional de Luta da Mulher

Editorial

A última edição do Boletim Especial da APEOESP para o Dia Internacional das Mulheres chegou ao site em 2020, poucos dias antes da longa quarentena imposta pela pandemia do coronavírus. Quase dois anos depois, o Sindicato volta a levar às escolas a temática feminista, ainda mais necessária diante do aprofundamento do abismo social no País, que expõe as mulheres a novos desafios, como a luta contra a pandemia e os efeitos da crise climática.

Uma pesquisa inédita, "Sem parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia", revela o que a vida em quarentena significou para a maioria da população feminina brasileira. O combate à violência obstétrica e à cultura do estupro são alguns dos outros temas abordados nesta edição.

Sempre inspirado em valores como a criatividade, o talento e sobretudo o respeito às diversidades, o Boletim das Mulheres é muito especial também por enaltecer o legado de mulheres icônicas, como a cantora Elza Soares e a escritora bell hooks, falecidas recentemente.

A APEOESP relembra aqui uma entrevista de Sueli Carneiro, uma das mais relevantes intelectuais do País: "Nós somos sobreviventes e somos testemunhas, porta-vozes dos que foram mortos e silenciados.". E é em memória a todas as vítimas da pandemia, que o Sindicato celebra este Dia Internacional das Mulheres em 2022. Boa leitura!

Professora Maria Izabel Azevedo Noronha
Presidenta da APEOESP

VEJA AINDA NESTA EDIÇÃO:

A vida nunca mais será a mesma	pg. 2
Violência obstétrica	pg. 2
Elza nas escolas	pg. 3
Pedagogia amorosa de bell hooks	pg. 3
Elas e as Ciências	pg. 4
Mais que amigas e outros livros	pg. 4

8M será a largada para a mudança



Em 08 de março de 2020, as mulheres foram às ruas na última Marcha Internacional pré-pandemia.

A Marcha Internacional das Mulheres volta às ruas, em 2022, após a interrupção provocada pela pandemia, sob o trágico e inimaginável saldo de mais de 640 mil mortos pela covid-19.

Ainda com atos mais restritos, devido ao avanço de variantes potencialmente contagiosas do coronavírus, este 8M pro-

mete ser histórico em função da urgência das pautas e da necessidade de mudança, que as eleições podem trazer.

Dezenas de entidades da sociedade civil estarão nas ruas, com o lema "Pela vida das mulheres: Bolsonaro e Doria nunca mais! Por um Brasil sem Machismo, Racismo, LGBTTQIA+fobia e sem FOME!".

Carta Aberta

Além da Marcha Internacional, as mulheres mobilizaram-se em outra iniciativa, que resultou em um 'documento oficial' com as pautas femininas para as eleições de 2022. A Carta Aberta Brasil Mulheres foi elaborada por mulheres influentes em diferentes áreas, que reuniram-se no dia 28 de janeiro; entre elas, a ex-senadora Marta Suplicy, anfitriã do evento, a líder do Movimento dos Sem Teto do Centro de São Paulo, Carmen Silva, e a diretora do Instituto Marielle Franco, Anielle Franco.

Entre as reivindicações da Carta, que lista 19 pontos, estão temas como o direito reprodutivo, o combate à pobreza menstrual e a garantia de recursos para políticas públicas destinadas a mulheres e meninas nas leis orçamentárias, inclusive para as que estão no sistema prisional.

A Carta Aberta Brasil Mulheres pode ser lida na íntegra e assinada no site www.brasilmulheres.com.br



Sem parar: o incessante trabalho feminino

O Portal Gênero e Número e a SOF - SempreViva Organização Feminista - realizaram uma pesquisa essencial sobre os impactos desta, que já é maior crise sanitária, econômica e social da História do País. "Sem parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia" revela como a sobrecarga de tarefas, o aumento da violência doméstica, as dificuldades de acesso aos serviços médicos e o desemprego afetaram a vida financeira e a saúde mental das brasileiras.

Os resultados da pesquisa realizada em 2021 mostram como as desigualdades raciais e de renda foram determinantes na pandemia; 40% das mulheres afirmaram que enfrentaram dificuldades para conseguir pagar contas básicas, como o aluguel; entre as entrevistadas negras, o índice sobe para 55%.

Dados avassaladores

Principais responsáveis financeiras de grande parte dos lares, mesmo recebendo salários inferiores aos dos homens, as mulheres tiveram ainda uma sobrecarga de um trabalho frequentemente invisibilizado e não remunerado, o cuidado de idosos, crianças ou pessoas com deficiência, a ponto de 72% das entrevistadas nesta condição afirmarem que a necessidade de monitoramento aumentou durante o isolamento social.

A percepção da violência doméstica neste período também é chocante. Embora 8,4% das mulheres tenham admitido ter sido vítima de alguma agressão durante o isolamento, a sensação de que a violência doméstica aumentou durante este período é avassaladora e foi mencionada por 91% das entrevistadas, em declarações como

"Eu não sofri violência doméstica, mas duas vizinhas, sim." ou "Em outras unidades do prédio, ouvimos muitas brigas conjugais."

Uma outra pesquisa confirma o recrudescimento da violência doméstica na pandemia. Estima-se que no primeiro ano do isolamento, entre março de 2020 e março de 2021, 17 milhões de brasileiras sofreram algum tipo de violência física ou psicológica. Os dados são da pesquisa "Visível e Invisível: A Vitimização de Mulheres no Brasil", realizada pelo Datafolha em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança, e estão no 14º Anuário Brasileiro de Segurança Pública.

A pesquisa "Sem parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia" está no site da SempreViva Organização Feminista e o relatório de "Visível e Invisível" pode ser acessado através do Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

A vida nunca mais será a mesma para as vítimas da cultura do **estupro**

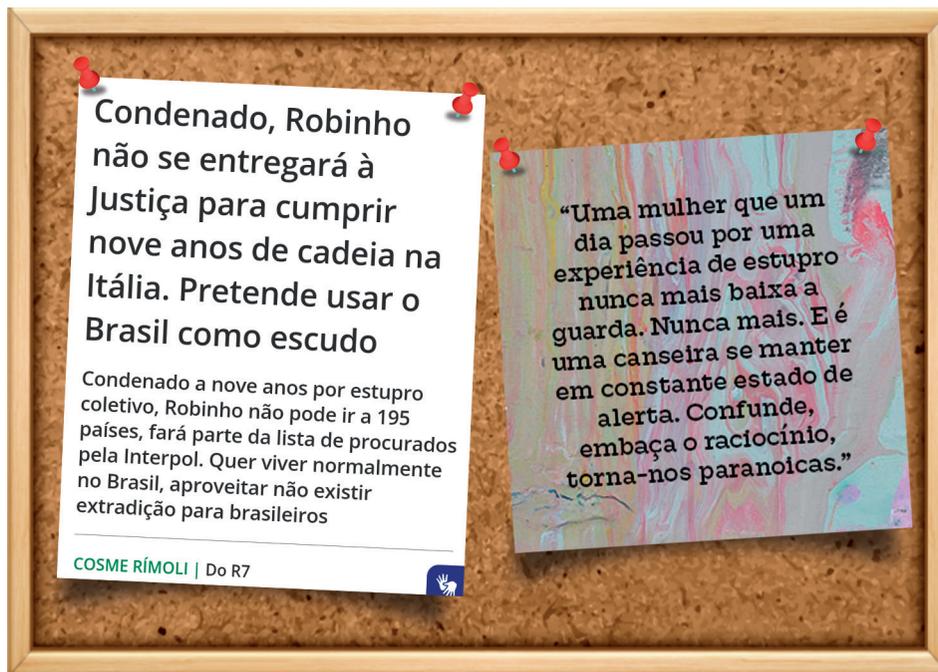
Condenado, no último mês de janeiro, por participar do estupro coletivo contra uma garota de origem albanesa na Itália, o atacante Robinho entrou para um nada honroso clube: o de jogadores de futebol envolvidos em crimes contra as mulheres, como o treinador Cuca que também cumpriu pena pelo estupro de uma menina de 13 anos, em 1987, e o goleiro Bruno Fernandes, condenado pelo brutal feminicídio da mãe de um dos seus filhos, Elisa Samúdio, em 2010.

A condenação de Robinho a nove anos de prisão e pagamento de multa foi proferida pela Justiça italiana, em última instância. O jogador está no Brasil, que não extradita seus cidadãos, mas não são apenas os trâmites jurídicos que garantem a impunidade. O machismo estrutural marca o caso de repercussão internacional, desde o início das investigações.

Repugnante

Em 2020, quando os documentos da sentença de condenação em primeira instância foram divulgados, o atacante lamentou: “Infelizmente existe esse movimento feminista, que não sei o que... Muitas mulheres não são nem mulheres, para falar o português claro”.

Fatos revoltantes e repugnantes, como a declaração do jogador, não são novidade para as vítimas. Autora de um livro que investiga o estupro sob a perspectiva das



À direita, depoimento da vítima de estupro, em trecho de “A vida nunca mais será a mesma”. À esquerda, reportagem do R7 sobre a estratégia de defesa de um condenado; a Justiça da Itália colocou o nome do jogador Robinho na lista dos procurados pela Interpol.

vítimas, a jornalista Adriana Negreiros comprova que o crime foi ‘naturalizado’ como parte da cultura, com apoio inclusive da legislação, o que torna o Brasil um dos países mais violentos para a população feminina.

Em uma narrativa premiada em fevereiro pela Associação Paulista de Críticos de Arte como o melhor livro de ensaios de 2021,

Adriana conta sua própria história, de estupro durante sequestro relâmpago no estacionamento de um shopping de São Paulo, em meio a inúmeros outros casos, de crianças molestadas por parentes, estupros matrimoniais e a violência contra lésbicas, um ato homofóbico, praticado supostamente para mudar a orientação sexual da vítima à força.

O efeito cotidiano de tanta violência impacta permanentemente a vida feminina. A própria autora, que foi atacada em 2003, confessa que convive diariamente com o medo de violência em situações cotidianas, como foi a ida ao shopping, que terminou no estupro. “O medo de morrer se tornou uma presença muito forte na minha vida”, afirma.

Ficção e política

Além de casos de violência sexual ocorridos em duas décadas, entre 1994 e 2014, o livro-reportagem “A vida nunca mais será a mesma” analisa também como a ficção, a publicidade e a política colaboram com a ideia de que o abuso contra as mulheres possa ser aceitável, em alguma medida.

Um dos exemplos elencados pela autora é a inaceitável declaração do então deputado Jair Bolsonaro, de que a deputada Maria do Rosário “não merecia ser estuprada porque ele a considerava muito feia e porque ela não faria seu tipo”.

A jornalista Adriana Negreiros explica como a ofensiva, desrespeitosa e, sobretudo, criminosa declaração colaborou para capitalizar o desprezo pelas mulheres em plataforma eleitoral.

“Ao reforçar um pensamento vigente em certos setores, o atual presidente conquistou votos de quem pensa como ele”, analisa a autora, que revela também como a misoginia vai sendo assimilada em piadas politicamente incorretas e na romantização de relações abusivas, tão frequentes em músicas, novelas e programas humorísticos.

Violência obstétrica deveria ser **criminalizada**

O caso reacendeu o debate sobre este crime. O médico da influencer, o ginecologista Renato Kalil, conhecido obstetra de celebridades, foi denunciado por outras mulheres por agressões no parto, assédio moral e abuso sexual.

De acordo com pesquisa da Fiocruz divulgada em 2021, 36% das gestantes são vítimas deste tipo de violência, tanto na rede pública quanto nas maternidades particulares.

O problema também mobilizou a Defensoria Pública do Estado de São Paulo que, em parceria com a ONG Artemis, disponibilizou um Plano de Parto Social, para que as gestantes possam se organizar.

O Plano, com procedimentos e condutas facultativas, garantidas por leis vigentes no Brasil, enfatiza os direitos das mulheres

no parto e aborda temas muito sensíveis a gestantes e mães, como a realização de cesárea e outros procedimentos sem autorização da paciente e sem sequer indicação segura, e ainda violência verbal e emocional e abuso físico, como no caso de Shantal Verdelho.

Onde denunciar:

As gestantes desrespeitadas e/ou agredidas podem encaminhar denúncia formal com nome e registro dos profissionais envolvidos no atendimento para a Ouvidoria da maternidade onde estão sendo atendidas e ainda para o SUS: (0800 774 3990) ou para a Agência Nacional de Saúde: www.ans.gov.br.

Também é importante acionar o 180 - Disque Violência Contra a Mulher!

Dicas de leitura:

“A vida nunca mais será a mesma”, de Adriana Negreiros, é da Editora Objetiva. A jornalista também é autora de “Maria Bonita - sexo, violência e mulheres no cangaço”, um marco na historiografia, por investigar o bando de Lampião, sob a perspectiva das mulheres que tiveram a infelicidade de encontrá-lo.



As gestantes desrespeitadas devem notificar as ouvidorias das maternidades e denunciar ao 180.

Vítima de violência obstétrica no parto de sua segunda filha, a empresária e influenciadora digital Shantal Verdelho e seu advogado, Sergei Cobra Arbex, defendem um projeto de lei que criminalize a violência obstétrica, termo referente a maus tratos antes, durante e depois do parto, mas que não consta no Código Penal.

Elza nas escolas: para ouvir, ler e refletir sobre a **essência** do Brasil

Elza Soares veio do planeta fome e soltou a voz até o fim do mundo
Cantora foi uma sobrevivente que não sucumbiu à violência e ao ostracismo mundial e chegou ao reconhecimento mundial

Deus é mulher
Morreu Elza Soares. Não contem a cantora do milênio, que levou consigo a música e a revolução para se tornar símbolo do Brasil



Salvador Cordeiro

Como uma rainha africana, Elza Soares foi capa da Revista Giz, em 2017; nos destaques, manchetes dos jornais sobre sua morte, aos 91 anos.

A biografia da cantora Elza Soares, escrita pelo jornalista Zeca Camargo, foi indicada para o Programa Nacional do Livro e do Material Didático para o Ensino Médio. Lançado em 2018 pela Editora Leya, o livro deve ganhar uma nova edição, para incluir os últimos trabalhos da cantora, que morreu no dia 20 de janeiro, aos 91 anos, ovacionada pela sua obra e trajetória.

O Teatro Municipal de São Paulo foi cenário para as últimas gravações de Elza Soares,

nos dias 17 e 18 de janeiro. Ao som de apenas um piano, Elza realizou uma interpretação intimista das 16 músicas que estarão no álbum “No Tempo da Intolerância”. As gravações estarão também no documentário “Elza e Mané”, que a GloboPlay produziu sobre um dos casais mais famosos, nos anos sessenta.

Energia luminosa

A cantora deixou também uma regravação do clássico de Cartola, “Preciso me En-

contrar”, para a comédia “Me Tira da Mira”, produzida e protagonizada pela atriz Cleo.

Tantos trabalhos ainda inéditos nos últimos dias de vida atendem um desejo de Elza, de cantar até o fim, mas correspondem também à trajetória que a artista construiu. Nascida no intervalo entre as duas guerras mundiais, a cantora faleceu em meio à pandemia do coronavírus e, enquanto cantava e conquistava a fama, enfrentou a ditadura militar, o exílio e todas as mazelas reservadas às mulheres, aos negros e aos mais pobres.

“Celebrar Elza é celebrar a energia luminosa que os ‘tronchos monstros’ não conseguirão apagar da essência do Brasil”, disse o amigo e parceiro Caetano Veloso no dia da morte da cantora, considerada a voz do milênio e agora eternizada como um ícone da luta feminista e antirracista.

Elza Soares da Conceição transformou-se em uma potência revolucionária, na sua última década de vida, celebrada por talentos como a jogadora Marta, o ator Lázaro Ramos e a filósofa Sueli Carneiro.

Eles estão entre as 50 personalidades da cultura negra, inspirados ou influenciados por Elza Soares, e reunidos pela Revista Piauí em uma imagem icônica (que ilustra o box ao lado). A arte criada pelo ilustrador Vito Quintans tem pesquisa de outros fãs famosos de Elza: o compositor Nei Lopes e a especialista em pedagogias decoloniais, Cléa Maria.

Dizia a voz do milênio ...



Vito Quintans

Edição 185 da Revista Piauí celebra o legado de Elza Soares, que carrega no penteado 50 personalidades que inspiraram ou foram influenciadas por ela.

- “Eu não tenho idade. Tenho tempo”
- “O tempo passou e eu continuei com fome. Fome de cultura, de dignidade, de educação, de igualdade e muito mais, percebo que a fome só muda de cara, mas não tem fim.”
- “Vim do Planeta Fome”
- “A música é a medicina da alma”
- “Esse mundo é um paraíso que, se bobear, a gente estraga. Tem que saber entrar, aproveitar e sair. Tem que passar com gentileza”

O legado de **bell hooks** sobre raça e pedagogia afetiva

Inspirada pelo pensamento de Paulo Freire, e também profundamente admirada pelo brasileiro, bell hooks faleceu no dia 15 de dezembro de 2021. A icônica escritora e ativista, celebrada e reconhecida em vida como Elza Soares, deixa um sentimento de orgulho para todas as suas contemporâneas, que agora têm sua vasta obra sobre um modelo de educação empoderadora de grupos oprimidos.

Nascida Gloria Jean Watkins, ela escolheu o pseudônimo de bell hooks para homenagear sua bisavó e, com ele, assinou obras consideradas pilares do feminismo negro. Nenhum outro intelectual analisou tão profundamente o impacto do racismo, do machismo e do sexismo sobre mulheres negras.

A garota que chegou a estudar em escolas segregadas entre negros e brancos nos Estados Unidos graduou-se em Stanford, cursou mestrado e doutorado em Literatura na Califórnia e escreveu livros de títulos autoexplicativos, como “Ensinando a transgredir - A Educação como Prática da Liberdade”, da Coleção Os Pensadores da Folha, “Tudo sobre o amor: novas pers-



pectivas” e “E eu não sou uma mulher? mulheres negras e feminismo”.

Toda os livros foram escritos sob a perspectiva da interseccionalidade, abrangendo raça, gênero, classe, sexualidade e outros recortes sociais.

Amor é verbo

Em suas entrevistas, a premiada intelectual sempre destacou que em meio a tantas questões, o amor ainda era seu tema favorito. “O amor é mais do que um sentimento; é uma ação capaz de transformar o niilismo, a ganância e a obsessão pelo poder que dominam a cultura”,

explicava, ao defender o conceito de amor como ato político.

Autora da contracapa da edição brasileira de “Happy to be Nappy”, um dos livros infantis de bell hooks, traduzido pela Editora Boitatá como “Meu Crespo é de Rainha”, a youtuber e colunista Ana Paula Xongani exalta a pedagogia afetiva, proposta pela intelectual.

“Que importância gigante é a gente ter como uma das referências máximas, uma mulher preta debatendo as questões a partir do prisma do amor, do afeto”, escreveu emocionada, no dia do falecimento da escritora, aos 69 anos.

Dicas:

Leia - As biografias “Elza” de Zeca Camargo, da Editora Leya, e “Elza Soares: Cantando para não enlouquecer”, de José Louzeiro, da Editora Planeta.



Veja - Os documentários “My Name is Now”, que ganhou o Grande Prêmio do Cinema Brasileiro em 2019, e “Elza Soares: O Gingado da Nêga”, produzido pelo CanalBis em 2013.

E, sobretudo, **ouça** alguns dos 35 álbuns, que contemplam 60 anos de música, de clássicos como Lupicínio Rodrigues até compositores do século XXI.

Natália, Jaqueline e Sue Ann representam a Ciência do Brasil



Profissionais femininas que atuam em diversas áreas tiveram trabalho decisivo durante este longo período de pandemia. Apostando nas evidências científicas, elas enfrentam a maré de negacionismo, surfada pela extrema-direita.

A microbiologista Natalia Pasternak, por exemplo, trabalhou intensamente no combate à desinformação relacionada ao coronavírus e é a única brasileira na lista da BBC que reúne as 100 mulheres

mais inspiradoras e influentes do mundo em 2021.

Natalia é presidente do Instituto Questão de Ciência, professora convidada na Fundação Getulio Vargas e na Universidade Columbia (EUA) e também autora do livro “Contra a realidade: a negação da ciência, suas causas e consequências”, publicado em parceria com o jornalista Carlos Orsi pela editora Papirus. A dupla conquistou o Prêmio Jabuti em 2021 com o livro “Ciência no Cotidiano” (Editora Contexto).

DNA

A biomédica Jaqueline Góes de Jesus também tornou-se protagonista da pandemia, ao participar do sequenciamento do DNA do coronavírus, apenas 48 horas após a confirmação do primeiro caso de covid-19 no Brasil. Pesquisadora bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, Jaqueline já havia participado da equipe que sequenciou o genoma do vírus da zika. Ela foi escolhida para ser uma das Barbies, de uma série de bonecas em homenagem a cientistas de várias nacionalidades.

Vacina

A infectologista carioca Sue Ann Costa Clemens, que atuou nos estudos que resultaram na vacina AstraZeneca, articulou a instalação de um campus da Universidade Oxford no Brasil, cujo foco inicial será exatamente o combate à covid-19.

Condecorada pela Rainha Elisabeth II no segundo semestre de 2021, a médica

brasileira é diretora da Oxford Brazil Unit, a unidade carioca de Oxford. No final do ano passado, Sue Ann ainda lançou “A História de uma Vacina - Relato da Cientista Brasileira Que Liderou os Testes da Vacina Oxford/AstraZeneca” (Editora História Real).

Átomos e asteróides

As cientistas brasileiras obtiveram êxito extraordinário também em outras áreas, além da investigação da pandemia. Ana Gabryele Moreira é a primeira brasileira negra premiada por uma agência nuclear internacional. Ela conquistou o Prêmio Marie Curie da Agência Internacional de Energia Atômica, ao analisar a pequena participação de mulheres, especialmente negras, no Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares, o IPEN/USP, onde cursa seu mestrado.

Já a estudante de Medicina Verena Paccola descobriu 25 asteróides, durante a longa quarentena imposta pela pandemia. Participante de uma Olimpíada de Robótica e Neurociências, a estudante de 22 anos inscreveu-se no Programa de Caça a Asteróides da Nasa, ainda no Ensino Médio, e vinha recebendo treinamento virtual para analisar imagens de corpos celestes enviadas por um telescópio da agência. Futuramente, Verena poderá batizar estes asteróides.

Mais que amigas, mulheres em trajetórias épicas

Ella Fitzgerald, cuja amizade se tornou um símbolo da luta antirracista nos Estados Unidos, e a ativista Malala Yousafzai, Nobel

da Paz, que assumiu-se feminista graças aos encontros com a atriz Ema Watson.

Escrito pela jornalista Angelica Kalil, do

Canal do Youtube ‘Você é feminista e não sabe’, e ilustrado por Mariamma Fonseca, o livro é da Quintal Edições.

Veja aqui outras obras escritas sobre mulheres e por mulheres



Livro infanto-juvenil conquista cada dia mais leitoras de todas as idades, ao ampliar o conceito de sororidade e revelar histórias de mulheres que se tornaram amigas, graças à luta e à resistência

“Amigas que se encontraram na História” conquistou o 1º lugar na categoria juvenil no 63º Prêmio Jabuti, mas tornou-se leitura obrigatória para todas as idades, ao revelar a pouca divulgada amizade entre mulheres de destaque, em diferentes épocas e de trajetórias distintas.

O livro já ganhou até uma continuação, “Amigas...2”, que será lançada nos próximos meses pela Quintal Edições. O primeiro traz dez histórias de vinte mulheres incríveis, como a atriz Marilyn Monroe e a cantora

■ “Bertha Lutz e a Carta da ONU” é um HQ lançado no último mês de janeiro, também por Angelica Kalil e Mariamma Fonseca. O livro da Editora Veneta retrata a atuação da cientista e militante sufragista brasileira na criação da ONU, em 1945, e para a inclusão da palavra mulheres no documento inaugural da Organização das Nações Unidas, assinado por representantes de 50 países.



■ Escrito há 90 anos pela jornalista Patrícia Galvão, conhecida como Pagu, “Parque Industrial” acaba de ser relançado pela Companhia das Letras. O livro, que é considerado um clássico sobre gênero e classe, denuncia as precárias condições de trabalho das mulheres que atuavam no setor têxtil, no início do século XX. “Parque Industrial” foi escrito em 1932, quando Pagu tinha 22 anos.



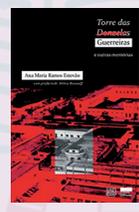
■ “Simone de Beauvoir: a mulher de Montparnasse” retrata a juventude da mais famosa feminista de todos os tempos.



O romance de Caroline Bernard acompanha a vida de Beauvoir entre 1924 e 1946, quando ela iniciou os estudos que fundamentaram o feminismo no século XX.

O livro é o terceiro volume da coleção publicada pela Tordesilhas Livros, “Grandes Mulheres da História”, que já conta com “Mademoiselle Chanel e o cheiro do amor”, lançado em 2018, e “Frida Kahlo e as cores da vida”, em 2021.

■ “Torre das Guerreiras e Outras Memórias”, escrito pela ativista e professora Ana Maria Ramos



Estevão, reúne relatos de uma sobrevivente da tortura e do exílio impostos pela ditadura militar. O livro da Editora 106 tem prefácio da ex-presidenta Dilma Rousseff, que ficou encarcerada com a autora, no Presídio Tiradentes. Estudantes. Ambas militavam no movimento estudantil e na resistência à ditadura e, por isso, foram perseguidas.



Dirigentes responsáveis

Maria Izabel Azevedo Noronha
Presidente da APEOESP
Fábio Santos de Moraes
Vice-Presidente
Roberto Guido
Secretário de Comunicações

Stenio Matheus de M. Lima
Secretário de Comunicações Adjunto
Suely Fátima de Oliveira
Secretária Para Assuntos da Mulher
Rosa Maria de Araújo Fiorenin
Secretária Para Assuntos da Mulher Adjunta

Conselho Editorial

Maria Izabel Azevedo Noronha
Fábio Santos de Moraes
Roberto Guido
Stenio Matheus de M. Lima
Leandro Alves Oliveira
Silvio de Souza

Rita de Cássia Cardoso
Richard Araújo
Flávio Azevedo Limas
Miguel Noel Meirelles
Francisco de Assis Ferreira
Paula Cristina Oliveira Penha

· **Texto e Edição:**
Ana Maria Lopes – Mtb 23.362

Produção:
Secretaria de Comunicações
da APEOESP

Tiragem: 15 mil exemplares